

O pequeno notável

Ter 1.05m nunca foi motivo para desesperos, tristezas e desânimo. Leonardo Nunez de Miranda Reis, 26 anos, que integra a equipe de Informática do TCMRJ, afirma que “na vida, os empecilhos servem de aprendizado e enriquecimento pessoal”.

“Todos nós, portadores ou não de deficiência, temos dificuldades e obstáculos a serem vencidos. Deus jamais dá o fardo mais pesado do que somos capazes de carregar. Por isso, não desista jamais! Não deixe nunca que as dificuldades tirem o brilho do maior milagre divino, que é a vida! Mas, a primeira barreira que qualquer pessoa com necessidades especiais deve vencer é o preconceito consigo mesma. É preciso se aceitar e acreditar que é capaz de realizar maravilhas”.

Nas horas vagas, Leo, como é conhecido, participa de grupo de teatro amador, faz exercícios físicos e escreve para o Jornal “Missão Jovem”.

“Comecei a fazer teatro amador com crianças e adolescentes da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, que freqüento, no Méier. Atualmente, além de representar, estou coordenando o grupo. Nós nos apresentamos em orfanatos, outras paróquias, teatros do Sesc, e a renda vai para Pastorais que trabalham com obras sociais, atendendo a famílias carentes. É muito gratificante. Quanto aos exercícios físicos, há seis meses pratico musculação com orientação e acompanhamento de um *personal trainer* e do meu ortopedista”.

Aos dezesseis anos, Leo teve quatro de seus poemas publicados.

“Fui convidado a publicar os poemas *Ayrton Senna do Brasil*, *Poema de Um Verdadeiro Pai*, e *Sentimentos de Um Poeta*, no Livro Antologia Poética, e o poema *Que Raiva Tenho Desse Coração Valente*, no Livro Antologia Literária Internacional”.

Formado em Ciência da Computação pela UFF e Mestrado em Engenharia de Software pela COPPE/UFRJ, Leo ingressou, em agosto último, na cadeira

“ Sempre fiz tudo que qualquer criança faz, apenas tinha que dar o “meu jeitinho”. E é o que faço até hoje. ”

Leonardo Nunez de Miranda Reis



de Teologia da Pontifícia Universidade Católica - PUC.

“Quando entrei na faculdade, pelo processo normal de seleção, não recebi tratamento diferenciado por ser anão. No tradicional trote, me pintaram todo de azul (fui o “Papai Smurf”) e tive que pagar mico pelas ruas de Niterói. Mas, dos trotes mais cansativos ou ‘pesados’, eles me liberaram. Agora, em Teologia na PUC, são mais cinco anos de uma nova empreitada que vou encarar”.

Em dezembro de 2004, Leo foi chamado a integrar o grupo que está tentando criar a Associação Brasileira de Esportes para Anão – ABEA.

“No Brasil, não existe modalidade de esporte com anões para competir nas para-olimpíadas. Daí a necessidade de se criar a Associação. Sete anões, fomos ao Programa do Jô Soares lançar a idéia. Os documentos exigidos já estão prontos. Mas o processo está bem lento”.

Sempre otimista e bem humorado, Leo atribui à família “a peça-chave para formar um ser humano plenamente realizado”.

“A família é a base de tudo. Minha mãe Bete, minha avó Lydia e minha tia Lucy tiveram destaque na minha educação e formação. Minha mãe, além de enfrentar uma ‘surpresa’ com meu nascimento, também teve que superar simultaneamente a

separação de meu pai. O mais importante é que nunca, em momento algum, fui tratado como ‘coitadinho’”. Sempre fui cobrado, igualmente minha irmã, nos estudos, tarefas e responsabilidades. Elas sempre me passaram a certeza, que realmente se concretizou de que conseguiria realizar todos meus sonhos, objetivos pessoais e profissionais. E nas dificuldades que encontrava para realizar alguma tarefa, elas diziam: Tenta de outra maneira que você consegue”.

Este ano, mais um sonho se realizou. No Carnaval de 2006, Leo foi convidado pela Escola de Samba Renascer de Jacarepaguá a desfilar num carro alegórico representando o salário mínimo brasileiro.

“Foi um momento inesperado, diferente, e muito divertido. Era um sonho antigo. Visitei várias Escolas, era chamado ao palco, virei quase celebridade. E sempre tratado com muito carinho. Em momento algum a mídia se referiu a mim pejorativamente. Numa sociedade hedonista, onde se busca o prazer imediato, há uma supervalorização do corpo e da estética; esquecem que cada ser humano tem valor próprio e merece respeito. A beleza exterior é efêmera, mas a beleza da alma é eterna. Todos somos iguais, apenas temos dificuldades diferentes”.